



EXPERIÊNCIAS DE ENSINO DE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA EM CONTEXTO BRASILEIRO

Rodolfo Luís
Leite Batista
Cristina Lhullier
Organização



EXPERIÊNCIAS DE ENSINO DE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA EM CONTEXTO BRASILEIRO

Rodolfo Luís Leite Batista
Cristina Lhullier
Organização

Editora do Portal História da Psicologia
Rio das Ostras, RJ – Brasil
2024

Editor: André Elias Morelli Ribeiro

Capa: Lara Gomes

Edição e revisão técnica: André Elias Morelli Ribeiro

Para elaboração dos capítulos, os autores foram orientados a utilizar as normas da ABNT (NBR 6023/2018 e NBR 10520/2017). A correção ortogramatical e formato de redação são de responsabilidade dos autores. Em caso de republicação, os capítulos e os artigos mantêm sua formatação original.

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Pâmella Priscilla Negrão Braga CRB-7/6062

E96

Experiências de ensino de história da psicologia em contexto brasileiro. / Rodolfo Luís Leite Batista, Cristina Lhullier organização. – Rio das Ostras, RJ: Editora do Portal História da Psicologia, 2024. xxi, 560f.: il. (color.) : em PDF

E-book.

ISBN: 978-65-997325-3-9

Bibliografia

1. Psicologia - Brasil - História. I. Batista, Rodolfo Luís Leite (Organizador). II. Lhullier, Cristina (Organizador). III. Título.

CDD 150.981

Conselho editorial

André Elias Morelli Ribeiro (Universidade Federal Fluminense)

Arthur Arruda Leal Ferreira (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Luiz Eduardo Prado da Fonseca (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Marcus Vinícius do Amaral Gama Santos (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Cristina Lhullier, Rodolfo Luís Leite Batista.....IX

PREFÁCIO

Renato Sampaio Lima, Sérgio Dias Cirino.....XIX

PARTE I

INSTITUCIONALIZAÇÃO DO ENSINO DE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA NO BRASIL: DA REFORMA BENJAMIN CONSTANT ÀS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS

*Luísa Xavier de Brito Silva, Walter Aristóteles Oliveira
Miez, Sérgio Dias Cirino, Rodrigo Lopes Miranda, Paulo
Coelho Castelo Branco, Erika Lourenço.....23*

O ENSINO DE PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO NO INTERIOR DO MATO GROSSO DO SUL

*Letícia Martins Righi, Allana Patrícia da Silva, Maria
Eduarda Gregório dos Santos, Felipe Maciel dos Santos
Souza, Denise de Matos Manoel Souza.....61*

CLIO E PSYCHÉ VÃO À SALA DE AULA: O ENSINO DE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA NA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Ana Maria Jacó Vilela, Filipe Degani Carneiro.....76

**NA BUSCA PELO ENSINO DE UMA HISTÓRIA
POLÍTICA E SOCIAL DA PSICOLOGIA: POR UM
NOVO LUGAR PARA A HISTÓRIA DA PSICOLOGIA
NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL**

André Elias Morelli Ribeiro.....108

**RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE ENSINO DE
HISTÓRIA DA PSICOLOGIA**

*Rodrigo Lopes Miranda, Gabriela Syperreck Ramires,
Isabella Espíndola Rodrigues, Letícia Andrade
Herrera.....145*

**CONTEMPLAR O BELO PARA CONHECER O
HUMANO E SUAS RELAÇÕES AO LONGO DA
HISTÓRIA: ENRIQUECENDO A FORMAÇÃO
UNIVERSITÁRIA POR MEIO DA ARTE**

*Roberta Vasconcelos Leite, Yuri Elias Gaspar, Marcelo
Augusto de Oliveira, Maria Gabrielle Coelho
Caldeira.....174*

**O USO DE PODCASTS NO ENSINO DE HISTÓRIA
DA PSICOLOGIA EM UMA PERSPECTIVA
DECOLONIAL: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA**

Erika Lourenço.....224

**O USO DE BIOGRAFIAS E A PRODUÇÃO DE
VÍDEO-DOCUMENTÁRIOS PARA O ENSINO DE
HISTÓRIA DA PSICOLOGIA NO BRASIL**

*Rodolfo Luís Leite Batista, Andrêza Reis da Silva,
Fernanda de Cássia Oscar Otaciano.....247*

**O ENSINO DA HISTÓRIA DA PSICOLOGIA: RELATO
DE UMA EXPERIÊNCIA DE ESTUDO ORIENTADO,
EM GRUPOS E ACUMULATIVA**

Alcides José Sanches Vergara.....276

**O GRUPO DE ESTUDOS HISTORIOGRÁFICOS DE
PSICOLOGIA SOVIÉTICA DAS DÉCADAS DE 1930 E
1940: A PSICOLOGIA SOVIÉTICA CONTRA A
EXTREMA-DIREITA HITLERISTA**

*Juberto Antônio Massud de Souza, Brenda Rodrigues
Marcelino Alexandre, Bruna Torrecilha Cessel, Diego
Duarte Ribeiro, Guilherme José Pavesi, Letícia José
Pedrozo, Maria Eduarda Fiorini, Nathália Soares de
Lima.....298*

SABERES E FAZERES DA PSICOLOGIA BRASILEIRA

Anderson de Brito Rodrigues.....333

**PANDEMIA DE COVID-19: VIVÊNCIAS E
MEMÓRIAS DE UM PROFESSOR DE HISTÓRIA DA
PSICOLOGIA**

Dener Luiz da Silva.....368

MODELO PARA ANÁLISE ESTRUTURAL DE TEORIAS NO CONTEXTO DA HISTÓRIA DA PSICOLOGIA

William Barbosa Gomes.....401

PERCURSOS, RECURSOS, TRANSCURSOS E CURSOS EM HISTÓRIA DA PSICOLOGIA

Arthur Arruda Leal Ferreira, Marcus Vinícius Amaral do Gama Santos, Raphael Thomas Pegden.....441

PARTE 2

HISTÓRIA DA PSICOLOGIA PARA CURSO DE GRADUAÇÃO

William Barbosa Gomes.....481

HISTÓRIA DA PSICOLOGIA: RECURSOS PARA FORMAÇÃO DE PESQUISADORES E DE PSICÓLOGOS

Maria do Carmo Guedes.....496

A HISTÓRIA DA PSICOLOGIA COMO DISCIPLINA DE MESTRADO: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

Inês Rosa Bianca Loureiro, Marisa Todescan Dias da Silva Baptista.....510

**ENSINO DE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA E
DESENHOS ANIMADOS: POSSIBILIDADES DE
NOVAS ARTICULAÇÕES**

Cristina Lhullier.....529

**NOTAS SOBRE AS AUTORAS E OS
AUTORES**.....555

CLIO E PSYCHÉ VÃO À SALA DE AULA: O ENSINO DE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA NA UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

*Ana Maria Jacó-Vilela
Filipe Degani-Carneiro*

O conteúdo e a didática do ensino da história de uma ciência estão diretamente vinculados ao objetivo desse ensino. Para que se espera que um estudante saiba a história de sua disciplina? Várias respostas são possíveis, por exemplo: para demonstrar erudição, como se espera de um portador de diploma universitário, principalmente em um país que valoriza a cultura ornamental, como o Brasil; para conhecer os grandes personagens, os fundadores da disciplina, aqueles que fizeram grandes contribuições (os heróis e seus feitos); para melhor compreender o presente.

Esta última possibilidade seria melhor dita como se referindo a um processo de desnaturalização do presente, quando o conhecimento histórico nos aponta a existência de alternativas que, no “jogo de forças da ciência” (STENGERS, 1990, p. 37), foram vencedoras e se constituíram como o leito principal da disciplina, ou foram abandonadas e, como tal, esquecidas na história.

A relevância do ensino de História da Psicologia na formação de psicólogos está expressa de modo incontestável nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) que preveem como o primeiro eixo estruturante os “Fundamentos epistemológicos e históricos” da

disciplina (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2023). Tradicionalmente, os conteúdos de História da Psicologia integram os períodos iniciais das grades curriculares, dado o reconhecido caráter básico desta disciplina, posto que a ela se atribui a função de apresentar uma sucessão histórica de teorias, sistemas, conceitos e personagens de destaque que compõem o campo psicológico - bem descrito por Garcia-Roza (1977) como um espaço de dispersão do saber.

Ainda que reconheçamos tal demanda e o seu relevo dentro do instituído na formação em Psicologia, entendemos que há um risco em se restringir o ensino ao desenvolvimento interno da Psicologia. Tal risco consiste, por um lado, na reificação de um enfoque do fenômeno psicológico como abstrato, universal, deslocado dos processos socioculturais, políticos e econômicos que constituem os sujeitos; de modo a-histórico, portanto. Por outro lado, a posição que ocupamos enquanto brasileiros (e latino-americanos) na periferia da produção do conhecimento favorece a prevalência dos efeitos da colonização do saber e da sobrevalorização do pensamento de origem estrangeira em detrimento daquele de origem nativa.

Para nós, conhecer a História da Psicologia (HP⁵) implica necessariamente a perspectiva de desnaturalizar as teorias e práticas que se apresentam como o cotidiano da disciplina no momento atual. É este o nosso objetivo tanto na formação de psicólogos quanto na formação de mestres e doutores que serão, futuramente, encarregados

⁵ Por fins de fluidez da leitura, aqui e doravante, iremos nos referir ao campo de estudos da História da Psicologia como HP.

do ensino de novos estudantes de Psicologia. Para este objetivo, ao longo dos anos fomos, também como aprendizes, burilando o conteúdo teórico a ser ensinado bem como as diferentes formas de oferecer este conteúdo, criando ferramentas que possibilitem aos próprios estudantes a desnaturalização de seu presente. Ou seja, não é nossa proposta formar “historiadores da Psicologia”. Entendemos que a pós-graduação é o espaço mais adequado para este investimento. O ensino de História da Psicologia em um curso de graduação em Psicologia deve se orientar, ao nosso ver, para formar psicólogos com uma visão historicizada de sua disciplina e de sua prática profissional.

Neste texto, vamos apresentar inicialmente os pressupostos que embasam nossa eleição de conteúdos a serem ministrados. Em seguida, os diferentes recursos didáticos que utilizamos para seu partilhamento com os estudantes.

Partimos de dois pressupostos iniciais: 1) que a Psicologia, enquanto disciplina científica, surge e se constitui a partir da emergência da forma-indivíduo, conforme definida por Dumont (2005); b) que essa disciplina tem contornos diferenciados em cada local e tempo em que se constitui (DANZIGER, 2006).

● QUE ENTENDEMOS COMO INDIVÍDUO?

O “indivíduo” é um conceito central na Psicologia. É encontrado no Comportamentalismo, na teoria da Gestalt, na Psicanálise, na Psicologia Social. Em algumas destas abordagens, aparece às vezes nuançado como “ser humano” ou “pessoa”, mas com uma acepção muito próxima à de “indivíduo”. Buscando entender melhor este

conceito, optamos por seguir a definição de Louis Dumont (DUMONT, 1985), que considera a ideia de indivíduo como um “ser moral, independente, autônomo e, por conseguinte, essencialmente a-social” (p. 37).

Não vamos aqui nos deter na construção de seu argumento, que implica em uma análise comparativa da sociedade indiana e da europeia, mas frisar que ele se refere a) a uma ideia, b) que é própria das sociedades ocidentais modernas. Onde aparece esta ideia? Na construção jurídica e ideológica destas sociedades. Assim, os indivíduos que, no dizer de Tocqueville (1977), estavam presos em uma cadeia que, no regime feudal, unia o camponês ao rei, é agora um elo, solto, desta corrente, igual aos demais elos. Ou, como diz Marx, “Uma massa de proletários livres como os pássaros foi lançada no mercado de trabalho pela dissolução dos séqutos feudais” (MARX, 1988, p. 254). O ideário liberal das grandes revoluções dos séculos XVII e XVIII (inglesa, americana e francesa) está, portanto, presente na concepção deste indivíduo: ele é livre e igual aos outros.

Dumont (e outros autores, como os já citados Tocqueville e Marx) nos auxiliam a compreender que não só o papel das revoluções políticas, mas também da científica (com Newton, Galileu, Descartes e outros nos séculos XVI e XVIII) e das religiosas (a Reforma Protestante e a Contrarreforma nos séculos XVI e XVII) na constituição deste novo ser humano. Mas a transformação fundamental é, sem dúvida, a substituição do modo de produção servil, aquele que ligava o camponês ao rei, pelo modo de produção capitalista em que uns são proprietários dos meios de produção e outros a eles vendem sua força de trabalho. Como bem diz

Marx, diversos instrumentos tiveram que ser utilizados para que os outrora camponeses vivessem a nova situação como “natural”:

[...] os que foram bruscamente arrancados de seu modo costumeiro de vida não conseguiam enquadrar-se de maneira igualmente súbita na disciplina da nova moderna condição. [...] Assim, o povo do campo, tendo sua base fundiária expropriada à força e dela sendo expulso e transformado em vagabundos, foi enquadrado por leis grotescas e terroristas numa disciplina necessária ao sistema de trabalho assalariado, por meio do açoite, do ferro em brasa e da tortura. [...] Na evolução da produção capitalista, desenvolve-se uma classe de trabalhadores que, por educação, tradição, costume, reconhece as exigências daquele modo de produção como leis naturais evidentes (MARX, 1988, pp. 265-7).

Esta concepção de Dumont é apropriada e discutida por antropólogos brasileiros, como Roberto DaMatta. Este discorre sobre um “esqueleto hierarquizante” da sociedade brasileira, ou seja, haveria uma “franja”, composta pelas camadas médias urbanas, que se guiam pela ideologia do indivíduo, enquanto a estrutura básica do país segue como sociedade hierárquica (DA MATTA, 1983, p. 129). Criticada hoje em dia, parece-nos que é uma concepção que pode nos ajudar a começar a entender o porquê do conceito de indivíduo, conforme apresentado por Dumont e que consideramos presente em nossa Psicologia, deve ser questionado.

Assim, começamos nossa disciplina apresentando e discutindo este conceito. Seguimos por uma discussão sobre o pensamento grego, mas não para discutir a Psicologia nos pré-socráticos etc., como surge em diversos livros-texto, mas para apontar como a concepção de

Indivíduo que ali existia era diferente da concepção dos “modernos”. Da mesma forma, ao enfocarmos a Idade Média europeia, apontamos a continuidade deste modelo (que Dumont denomina de Pessoa) ao mesmo tempo que o modo Indivíduo vai se constituindo. Para isto, discutimos as grandes transformações sociais que constroem a Idade Moderna (a revolução científica, a Filosofia Política, a Reforma Protestante, o modo de produção capitalista) e sua contribuição para que os seres humanos passemos a nos ver como “indivíduos”, autônomos, livres. O objetivo desta discussão é propiciar análises críticas sobre o uso do conceito de indivíduo em nossas teorias e sua adequação à sociedade brasileira. Uma importante fonte didática empregada para a discussão deste conteúdo é Jacó-Vilela (2001).

Podemos dizer que esta análise permeia boa parte do conteúdo do curso e se reflete também nas atividades complementares, conforme veremos abaixo. Entendemos que esta vertente se coaduna também com as contribuições de historiadores da ciência psicológica, como veremos a seguir.

HISTÓRIAS NATIVAS DA PSICOLOGIA NO BRASIL

Em um país que se situa na periferia do capitalismo, modo hegemônico de produção, também é aí que nos situamos na produção do conhecimento. Observa-se, contudo, que é comum que o conteúdo das disciplinas de HP seja focado nos “grandes heróis” que constituíram a Psicologia científica nos séculos XVIII e XIX em alguns países europeus e, ao final do XIX, nos Estados Unidos. Entendemos que este conteúdo deva ser ministrado, mas, ao mesmo tempo, é importante assinalar

como tais sistemas foram recebidos e apropriados em nosso país. Por outro lado, a maioria dos livros-textos que circulam em nosso ambiente trazem uma história, a partir de alguns países europeus e, principalmente, dos Estados Unidos, sendo apresentada como uma “Psicologia moderna” universal.

A fim de proporcionar contrapontos a este tipo de historiografia, adotamos como livro-texto de nossas disciplinas o livro *História da Psicologia: Rumos e Percursos* (FERREIRA, JACÓ-VILELA & PORTUGAL, 2006), que se destaca como o primeiro manual de HP produzido originalmente no Brasil, em vez de manuais (norte-americanos, sobretudo) traduzidos. Ainda que o livro siga abordando os conteúdos clássicos desse tipo de publicação (a saber, as diferentes teorias, conceitos e autores da ciência psicológica), se trata de uma obra organizada, com 39 autores nacionais (à exceção de um, argentino). Por sua natureza, o livro expressa uma polifonia de narrativas e que contempla em diferentes momentos a trajetória daquelas teorias e abordagens psicológicas no Brasil.

Sabemos que a HP, bem como a das demais ciências, muitas vezes reflete, de forma intencional ou não, os campos epistêmicos dos locais de onde procedem os autores. Nesse sentido, Danziger (1979) propôs a noção de uma história local, em que a particularidade de um desenrolar específico assume relevância diante de uma história totalizante e universal. Neste sentido, temos dado ênfase à História da Psicologia no Brasil, o que nos faz revisitar, com os alunos, um pouco da história do país.

Decerto, tal perspectiva didática enfrenta como desafio o desconhecimento massivo dos psicólogos sobre

a HP no Brasil, que, em alguma medida, bebe da mesma fonte da ignorância/indiferença dos brasileiros em relação à própria história. Certamente, em muitos cursos de Psicologia, o lugar dado à HP no Brasil é extremamente minoritário - o que reforça nosso imperativo pedagógico pela adoção de uma ênfase no caráter local da HP no Brasil: mesmo quando tratando de teorias europeias ou estadunidenses, procura-se imprimir um olhar atento à sua recepção no Brasil, visando *indigenizar* as narrativas sobre o desenvolvimento da Psicologia enquanto ciência e profissão no país (DANZIGER, 2006).

Como vimos, a emergência da Psicologia científica é descrita na historiografia como um fenômeno decorrente da Modernidade europeia, do individualismo moderno e dos processos decorrentes do capitalismo industrial, notadamente o crescimento das cidades, a especialização da divisão do trabalho e o surgimento das instituições disciplinares (FIGUEIREDO, 1992; MANCEBO, 2002). Contudo, examinar o contexto brasileiro exige que atentemos para as especificidades das bases materiais e culturais aqui presentes, às quais, no século XIX, são marcadas pela herança colonial: uma formação cultural mestiça, uma economia de base escravista e a incipiência das instituições educacionais. Não obstante, igualmente se fazia presente neste contexto o anseio das elites nacionais em elevar o Brasil ao patamar da “civilização”, para o que as novas ideias científicas seriam mola propulsora. Tais ideias científicas (tais como o positivismo, o evolucionismo e o higienismo), entretanto, estavam “fora do lugar” (SCHWARZ, 1977), uma vez que a incorporação do ideário liberal europeu

não pode ocorrer sem algumas “adaptações”, que se impunham por conta da discrepância entre as condições materiais da sociedade brasileira escravocrata e a sociedade liberal europeia.

O estudo da história das ciências possui importância não somente para a compreensão do desenvolvimento das disciplinas científicas nos seus aspectos teóricos, conceituais e institucionais (nos “lugares de ciência”, por assim dizer), como também para situar este desenvolvimento no contexto histórico, social, cultural, político e econômico em que tais saberes e práticas, bem como seus atores, se situam. Nesse sentido, o estudo da HP no Brasil envolve, dentre outros temas:

A emergência da Psicologia Científica na transição entre os séculos XIX-XX, por meio da apropriação destes novos conhecimentos por médicos e educadores, especialmente;

A institucionalização da Psicologia como um campo científico-profissional autônomo (centrada no psicodiagnóstico e no tripé escola-trabalho-clínica), associada aos processos de modernização econômica e cultural no Brasil entre as décadas de 1930 e 1960;

Os efeitos da modernização conservadora da ditadura de 1964 na difusão de uma cultura psicológica nas camadas médias urbanas, bem como o impacto da luta pela redemocratização nas décadas de 1970-80 na transformação do ideário profissional dos psicólogos sobre as implicações sociopolíticas de seu fazer;

A expansão institucional do campo *psi* e a pluralidade de novas teorias, objetos e campos de atuação nas últimas décadas.

Desse modo, acreditamos que o estudo de HP contribua não somente na desnaturalização e em visões não essencializadas dos objetos psicológicos e as teorias e práticas a eles referentes, mas também em visões críticas acerca da pretensa universalidade de tais teorias e práticas e na valorização do conhecimento das *histórias nativas* da Psicologia na formação e prática *psi*. A partir da reflexão sobre estes dois marcos centrais, a historicização do indivíduo e a história local, vamos descrever um pouco de nossa prática docente.

O ENSINO DE HISTÓRIA DA PSICOLOGIA NA UERJ

Nosso ensino de HP não só ocorre em um país do Sul Global, mas também em um espaço institucional específico, a universidade pública. Como nos diz Certeau (2011), o “lugar de onde falamos” é um elemento indissociável da operação historiográfica, posto que apresenta algumas características que trazem uma especificidade maior ao nosso campo de atuação docente. Primeiro, porque se propõe a uma indissolubilidade entre ensino-pesquisa-extensão. Segundo, porque a universidade brasileira, aos poucos, adotou o sistema de cotas, visando auxiliar na diminuição de nossas desigualdades sociais⁶. Por último, porque somos docentes também de um Programa de Pós-

⁶ A UERJ foi a primeira universidade no Brasil a ter cotas, em 2002. A distribuição é a seguinte: 20% das vagas para pretos e pardos, 20% para estudantes oriundos da rede pública, 5% das vagas para pessoas com deficiência e filhos de policiais civis e militares, bombeiros militares e inspetores de segurança e administração penitenciária, mortos ou incapacitados em razão de serviço.

Graduação, o que nos leva a ter estagiários docentes como auxiliares em nossas disciplinas.

Nosso trabalho ocorre no Clio-Psyché - Laboratório de História e Memória da Psicologia, criado em 1996 no Instituto de Psicologia (IP) da UERJ. Trata-se de um centro consolidado de ensino e pesquisa em HP, reconhecido a nível nacional e continental como um laboratório de excelência em sua produção nessa área. Esse reconhecimento também ocorre a nível institucional, tendo o Laboratório obtido a criação, em 2016, da Biblioteca CEH-E Clio-Psyché, da Rede Sirius de Bibliotecas da UERJ, a qual mantém o arquivo bibliográfico e documental reunido pelo Laboratório ao longo de seus anos de produção.

Nesse sentido, HP é, reconhecidamente, uma das áreas fortes da produção de conhecimento do IP/UERJ, o que se reflete em termos curriculares. Em nossa instituição, temos uma raridade: o currículo atualmente em vigor contém duas disciplinas com conteúdo de História da Psicologia e de caráter obrigatório, as quais se intitulam *Emergência e Constituição da Psicologia Científica* (1º período, 60h) e *Psicologia do Século XX à Contemporaneidade* (2º período, 60h), cujas ementas seguem, respectivamente, na Tabela 1 e Tabela 2.

Tabela 1
Ementa da disciplina "Emergência e Constituição da Psicologia Científica"

Disciplina:	Emergência e Constituição da Psicologia Científica
Carga Horária:	60h
Ementa:	A hegemonia da explicação teológica na Idade Média e a nova compreensão do problema alma-corpo: o racionalismo e o mecanicismo. O empirismo e associacionismo britânico. Wolff e a Psicologia Racional e Empírica. A crítica de Kant à Psicologia Racional. A Psicologia alemã: a consciência, processos psicofisiológicos e processos psicossociais. A Psicologia francesa e a psicopatologia. O projeto de uma "nação moderna" no Brasil Imperial. O estruturalismo norte-americano. O funcionalismo norte-americano e europeu. * Compreender o processo de constituição de uma disciplina científica e sua separação dos demais saberes. * Analisar a constituição da Psicologia como disciplina no mundo ocidental como decorrente não só das transformações teóricas e metodológicas do pensamento nos últimos quatro séculos, mas também das mudanças políticas, econômicas e socioculturais. * Analisar as formas de recepção da Psicologia no Brasil.
Objetivos:	

Tabela 2

Ementa da disciplina "Psicologia do Século XX à Contemporaneidade"

Disciplina:	Psicologia do Século XX à Contemporaneidade
Carga	60h
Horária:	
Ementa:	A Psicologia aplicada e o comportamentalismo nos Estados Unidos e seus reflexos em São Paulo. O movimento gestaltista. A Fenomenologia no Rio de Janeiro. A Psicanálise: do núcleo original vienense à difusão. A Psicanálise nas primeiras décadas do século XX no Brasil: a questão racial, a higiene social. A industrialização brasileira, o movimento dos testes e a Psicologia do Trabalho. A regulamentação da profissão de psicólogo e dos cursos de Psicologia no Brasil. A crise da Psicologia. A difusão da Psicanálise no Rio de Janeiro. A Psicologia Clínica e suas diversas abordagens. O movimento institucionalista. O movimento antipsiquiátrico e da saúde mental. A luta antimanicomial no Brasil. A teorização sobre a subjetividade e produção de subjetividade. A aproximação da Psicologia com as disciplinas da ciência social. Os novos campos de prática. * Compreender a diversidade teórico-metodológica e prática da Psicologia, bem como o caráter múltiplo da disciplina.
Objetivos:	

Assim, o conteúdo versa por uma contextualização do que seja o Indivíduo moderno e depois os sistemas do XIX e XX, sempre apontando sua presença no Brasil. A esse respeito, além dos temas acerca de HP no Brasil acima mencionados, também inserimos - por nossos interesses particulares - uma História da Psicologia Social no Brasil e a História da Formação do Psicólogo, que permite recontar um pouco da HP no país.

Há alguns anos, vimos que o conteúdo continuava girando em torno do que podemos chamar de uma "Psicologia branca". Assim, introduzimos tópicos para falar da constituição do sujeito nas cosmogonias africana

e indígena. Mais recentemente, temos incluído um seminário acerca das relações raciais na HP no Brasil, com leituras e apresentações acerca das produções acadêmicas de autores negros (Frantz Fanon, Virginia Leone Bicudo, Alberto Guerreiro Ramos, Lélia González, Neusa Santos Souza e Maria Aparecida Bento) e seu pensamento acerca da dimensão psicossocial do racismo.

Embora haja um plano geral para as duas disciplinas, como é claro pelo que colocamos acima, o *planejamento* específico é discutido a cada semestre com os estagiários docentes. Estes têm a obrigação de participar de todas as aulas, ministrar um tema específico, à sua escolha, e colaborar na avaliação dos trabalhos. Este planejamento é submetido aos alunos no primeiro dia de aula. Como estão ingressando, raramente há alguma proposição de alteração, mas, quando ocorre, discutimos com eles e vemos como atender.

O curso ocorre por meio de aulas expositivas (do docente ou de estagiário docente) com forte interlocução com os alunos. Usamos normalmente PowerPoint. A Comissão de Inclusão do Instituto de Psicologia nos orienta sobre estratégias para atender alunos com deficiência e procuramos segui-las.

Quanto às *estratégias avaliativas*, consideramos que faz parte do ofício de professor aprimorar a escrita formal dos estudantes, visto que necessitarão dela em seu exercício profissional como psicólogo. Alertamos sempre que isto não é só para a academia, mas para a confecção de relatórios, projetos, documentos psicológicos etc. Desse modo, em geral, optamos que as avaliações individuais não sejam provas, mas resenhas sobre textos indicados nas aulas da disciplina. Utilizamos em torno de

3 (três) resenhas em cada curso e informamos aos alunos os critérios de avaliação, que incluem desde a parte formal até a estrutura, a correção da linguagem, o uso de referências etc.

Estas *resenhas* são revisadas com cuidado pelos estagiários docentes. Nas reuniões iniciais, procuramos chegar a um consenso sobre a forma de avaliar, sempre frisando a necessidade de comentar o trabalho, seus pontos altos e frágeis. Fazemos uma discussão - com os estagiários docentes e com as turmas - sobre plágio, autoplágio e paráfrase, apontando como muitas vezes o plágio é decorrente de erros na forma de fazer citação. Damos ênfase à utilização da APA, tendo em vista ser a norma técnica mais utilizada pelos periódicos brasileiros em Psicologia.

Compõem ainda a nota distintos *trabalhos em grupo*, que não só visam a proporcionar outras oportunidades de leitura e produção de síntese, como desenvolver habilidades de exposição oral. Um destes trabalhos (no 1º período) se intitula "Condições de Emergência da Psicologia" e versam sobre processos históricos fundamentais para a constituição do saber *psi* acerca dos indivíduos, a saber: A) a loucura como doença mental; B) as transformações no conceito de infância; C) o modo de produção capitalista; D) as relações de gênero e a família burguesa; E) a distinção entre espaço público e privado.

A exposição destes trabalhos se afasta - intencionalmente - do clássico modelo de seminário. Embora a preparação do trabalho seja coletiva, no dia da apresentação fazemos subgrupos (que chamamos de "rodinhas") em que há um aluno encarregado de cada

90

tema e este apresenta para os demais o que descobriu sobre aquele tema. Ao invés de dividir o tempo de aula entre os grupos e, em cada grupo, entre os alunos, para a apresentação do que poderíamos denominar de um “jogral” na frente de sala, a experiência das rodinhas não só exige que cada aluno “saiba todo o trabalho”, como proporciona aos mais tímidos e inseguros a chance de apresentar para um grupo pequeno de seus colegas, de modo horizontal. Docentes e estagiários circulam entre os grupos, ouvindo um pouco de cada um. É importante assinalar que, como é uma atividade em que várias pessoas estão falando ao mesmo tempo, precisamos normalmente de utilizar duas salas de aula (dividindo a turma entre a sala regular e outra sala vaga no horário da aula) - para o que a participação dos estagiários docentes se mostra essencial.

Visando dar concretude aos nossos objetivos pedagógicos (de historicização dos objetos psicológicos e de ênfase na história local), apresentaremos a seguir três recursos didáticos que adotamos em nossa experiência: a) pesquisa com fontes primárias; b) passeios culturais; c) exibição de filmes.

PESQUISA COM FONTES PRIMÁRIAS

Sabemos bem como a qualidade e abrangência das narrativas historiográficas dependem do tipo de fontes empregadas na investigação (JACÓ-VILELA et al., 2022). Daí a importância não apenas de compreender a distinção entre fontes primárias (aquelas em que a informação analisada é original) e fontes secundárias (aquelas que são comentadoras e estabelecem algum tipo de intermediação, seja analítica, crítica, comparativa

ou mesmo reafirmando determinado pensamento). Julgamos fundamental para a formação em HP o manuseio com fontes primárias, a fim de desenvolver habilidades analíticas acerca de discursos específicos, em relação com o contexto histórico e outras características do texto e do autor.

Nossa perspectiva se alinha à proposta de Seixas e colaboradores (2013), autores que fazem parte do *The Historical Thinking Project*, sediado na Universidade de Columbia Britânica, Canadá, uma iniciativa para promoção de um ensino voltado ao pensamento histórico crítico, fornecendo tanto informações de cunho teórico, quanto outras fontes e mídias como recursos didáticos, a fim de trabalhar seis habilidades fundamentais propostas pelos autores para o desenvolvimento do *historical thinking*, a saber:

- 1) Capacidade de estabelecer significância histórica;
- 2) Utilização de fontes primárias como evidências;
- 3) Identificação de continuidades e rupturas;
- 4) Análise de causa e consequência;
- 5) Tomada de perspectivas históricas;
- 6) Compreensão das dimensões éticas de interpretações históricas.

Atualmente, trabalham-se estes objetivos na disciplina de “Psicologia do Século XX à

Contemporaneidade”, por meio de trabalho em grupo intitulado “A Psicologia em Revista(s): Ontem e Hoje”. Consiste em atividade de busca bibliográfica de artigos em revistas do passado e do presente, visando selecionar artigos sobre determinado tema *ontem e hoje* (de 3 a 5 artigos, em cada momento), comparando os sentidos envolvidos no discurso psicológico acerca de tais temas.

Indica-se como revistas de *ontem*, os *Arquivos Brasileiros de Psicotécnica* e os *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada* (abrangendo as décadas de 1940 a 1960), o que é possível pelo fato de que este periódico se encontra integralmente disponibilizado na Internet pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Como revistas de *hoje*, indicamos a procura em duas revistas criadas nos anos 1980 e ainda correntes: *Psicologia & Sociedade* (editada pela ABRAPSO) e *Psicologia: Ciência & Profissão* (editada pelo CFP). Os temas propostos para os estudantes são: 1. Gênero; 2. Trabalho; 3. Sexualidade; 4. Raça/Etnia; 5. Loucura/Saúde Mental; 6. Infância/Juventude; 7. Personalidade/Identidade.

O trabalho dos grupos é orientado por docentes e estagiários. É fornecido aos estudantes versão traduzida do *Guía para el análisis histórico de textos psicológicos* de ROSA, HUERTAS & BLANCO (1996). Uma importante orientação dada é a atenção à escolha de palavras-chave para pesquisa dos artigos. Não é possível pesquisar nas revistas de *ontem* termos que emergiram e se popularizaram posteriormente. Por exemplo, o grupo responsável pelo tema Gênero precisa pesquisar termos como “mulher”, “família”, “mãe”; de igual modo, o grupo de Loucura encontrará mais trabalhos ao pesquisar sobre

“doença mental” e diagnósticos psicopatológicos do que se utilizar “saúde mental”.

Avaliamos que esta experiência tem sido exitosa, tanto por proporcionar a estudantes do segundo período a busca bibliográfica de artigos em bases de dados (habilidade acadêmica básica), como também por, adicionalmente, envolver a seleção e análise do discurso presente em fontes primárias. Os trabalhos escritos e as apresentações sugerem que esta tem sido uma importante estratégia para a compreensão, por parte dos alunos, da importância das fontes para uma pesquisa histórica, bem como é uma oportunidade de eles aprenderem, por comparação e contraste, sobre a historicidade do discurso psicológico e suas transformações em cada momento histórico.

Este treino em pesquisa historiográfica também acaba por apresentar este campo de investigação aos estudantes, o que gera em alguns o interesse por se engajar em pesquisas no Laboratório Clio-Psyché, seja nas bolsas disponíveis, seja como voluntários. Temos atualmente em torno de 15 estudantes de graduação envolvidos em nossas pesquisas. Assinale-se que às vezes temos também estudantes de outras instituições que solicitam e são acolhidos em nosso grupo.

PASSEIOS CULTURAIS

Outra estratégia didática são o que denominamos Passeios Culturais pela região central da cidade do Rio de Janeiro, notadamente em lugares de memória, buscando apresentar vinculações dos saberes *psi* com a história cultural da cidade. Tais passeios ocorrem em um sábado, pela manhã, e contam com o acompanhamento

de uma experiente guia turística. Por estes fatores, o passeio é por adesão e não configura atividade obrigatória da disciplina⁷. Oferecemos dois passeios: a) no primeiro período, pelo chamado "Rio Antigo"⁸; b) no segundo período, o Circuito pela "Pequena África", a região da zona portuária do centro da cidade que abriga desde o Cais do Valongo, onde as pessoas escravizadas desembarcavam e eram vendidas, até o Cemitério dos Pretos Novos.

Para ambos os passeios, pedimos aos alunos que façam textos⁹ se colocando no lugar de um personagem da época. Por exemplo, no caso do Rio Antigo - uma senhora passeando pela Rua do Ouvidor para fazer compras; um escravo "tigre"; um escravo de ganho etc. Já no caso da Pequena África, sugerimos colocar-se como um escravizado recém-chegado, ou um mercador de escravos, ou um senhor indo comprar um escravo. Os relatos costumam ser muito sensíveis e demonstram o quanto todos se envolvem com o passeio, pensando criticamente a realidade social, política e histórica em que estamos inseridos. Parece-nos que aqui se realiza uma proposição de Paulo Freire: "A conscientização

⁷ Estes passeios existem há mais de 15 anos. Como são conduzidos por uma guia cultural e alguns locais implicam em pagamento de ingresso, temos adotado estratégias para que a quase totalidade das turmas participe, embora o passeio em si não seja obrigatório.

⁸ Como a cidade do Rio de Janeiro foi capital da Colônia, do Vice-Reino, do Império e de boa parte da República, seus prédios e ruas revelam muito destes momentos. Entretanto, acreditamos que sempre é possível uma apropriação de cada cidade para uma História da Psicologia.

⁹ Inicialmente pedíamos relatórios, mas vimos que apresentavam um caráter descritivo, para "cumprir" tarefa, ou seja, nada acrescentavam à formação.

implica, pois, que ultrapássemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica” (FREIRE, 2006, p. 30).

CINE CLIO-PSYCHÉ

Outra estratégia didática empregada articula o ensino à extensão. O Laboratório desenvolve desde 2017 o projeto Cine Clio-Psyché, que consiste em exibição mensal de filmes que discutam temas históricos e/ou psicossociais. Descontando os meses de férias, estimamos a realização de 8 sessões por ano. Em cada sessão, convidamos um professor ou um profissional para debater o filme escolhido com o público-alvo: ainda que seja uma atividade aberta ao público interessado, a maioria do público são alunos das disciplinas de HP, uma vez que substituímos as aulas pela participação na sessão. Os debatedores são responsáveis por alavancar a discussão a partir do filme, trazendo reflexões a partir de suas pesquisas e sistematizações teóricas.

Os filmes são escolhidos com antecedência nas reuniões do Clio-Psyché, após amplo debate entre coordenação e bolsistas. Elaboramos um calendário, procurando mesclar filmes de diferentes características: ora temas mais históricos, ora mais psicológicos; ora produções clássicas, ora contemporâneas; ora filmes internacionais, ora nacionais; ora filmes *cult*, ora filmes *pop*. Um exemplo da diversidade de filmes escolhidos e de temas debatidos pode ser visto na Tabela 3, com a programação do Cine Clio-Psyché prevista para 2023.

Tabela 3

Programação prevista para o Cine Clio-Psyché em 2023.

Mês	Filme	País/ Ano	Direção	Temática	Debatedor/a
Abril	Pra Frente Brasil!	Brasil, 1982	Robert o Farias	Ditadura militar	Luis Reznik (FFP-UERJ)
Maio	Um Estranho no Ninho (One Flew Over the Cuckoo's Nest)	EUA, 1975	Milos Forman	Luta antimanicomial	Matheus Leal (ENSP / CRP-RJ)
Junho	Se Meu Apartamento Falasse (<i>The Apartment</i>)	EUA, 1960	Billy Wilder	Relações de gênero e trabalho	Suzana Canez (UFF)
Julho	Faça a Coisa Certa (<i>Do the Right Thing</i>)	EUA, 1989	Spike Lee	Racismo	Débora Franco (IP-UERJ)
Setembro	Arquitetura da Destruição	Brasil, 1989	Peter Cohen	Nazismo	Marcos Schneider (PPGCI/UF RJ)
Outubro	Minha Vida de Abobrinha (<i>Ma vie de courgette</i>)	Suíça/França, 2016	Claude Barras	Infâncias e adoção	Daniel Arruda (Clio-Psyché/UE RJ)
Novembro	O Enigma de Kaspar Hauser (Jeder für sich und Gott gegen alle)	Alemanha, 1974	Werner Herzog	Desenvolvimento humano (natureza X cultura)	Vera Vasconcellos (UFF/UE RJ)
Dezembro	Um Corpo Que Cai (<i>Vertigo</i>)	EUA, 1958	Alfred Hitchcock	Teoria psicanalítica	Marco Antônio Jorge (IP-UERJ)

Durante a pandemia de COVID-19, nos anos de 2020, 2021 e primeiro semestre de 2022, conseguimos manter a realização do projeto, por meio de *lives* no

canal do Clio-Psyché no YouTube. No entanto, não exibimos os filmes, tanto por questão de direitos autorais quanto porque os filmes escolhidos estavam disponíveis nos serviços de *streaming* (ou mesmo no próprio YouTube). Esta forma de acesso era indicada na divulgação prévia do evento. A *live* transmitia assim a exposição do convidado e o debate com as perguntas no *chat* da transmissão. O aprendizado desta experiência dos tempos de pandemia tem nos levado a adotar o modelo híbrido, que contempla a exibição presencial de filme, mas com a transmissão do debate ao final. Temos feito isto de forma amadora, com a boa vontade e expertise de nossos bolsistas. Visando aprimorar esta experiência, estamos adquirindo equipamento de videoconferência.

Em qualquer arte, mobilizam-se afetos, percepções estéticas e mensagens, que são construídas de forma a exteriorizar o conteúdo pelo qual um(a) autor(a)/diretor(a) pretende apresentá-la. Desta forma, temos em vista que o cinema e a Psicologia são campos extremamente imbricados (YOUNG, 2014). Por isso, ambos podem ser utilizados em conjunto para atingir um duplo objetivo: obter uma melhor compreensão da ciência psicológica, assim como alcançar uma ampliação da profundidade e direção imersos no sentido de um filme.

A adoção do Cine Clio-Psyché como atividade das disciplinas de HP tem se mostrado exitosa, não apenas por nos permitir o emprego do cinema na mediação do processo ensino-aprendizagem em HP, como também por permitir divulgar e fazer circular a produção de conhecimento historiográfico em Psicologia. Observa-se

98

alta frequência e interesse, por parte dos alunos, assim como boa participação nos debates, embora esta seja uma atividade que não contabiliza pontos para nota.

Uma limitação enfrentada é a duração e o horário das sessões. Exibir o filme exige que a sessão dure no mínimo 3h (considerando aproximadamente 2h de filme e 1 h de debate). As sessões são marcadas de 17h às 20h, possibilitando a participação de alunos dos turnos vespertino e noturno. No entanto, a sessão ultrapassa o horário das aulas do turno vespertino (terminam às 17h50) e começa antes do início do turno noturno (às 18h). Isso é um dificultador, sobretudo para alunos trabalhadores e que moram nas zonas periféricas da Região Metropolitana mais distantes da Universidade. Temos enfrentado a dificuldade, possibilitando a entrada após o início do filme e incentivando que os alunos cheguem no horário que puderem para aproveitar o debate. Neste sentido, a adoção do modelo híbrido pode ser uma solução estratégica também para o atendimento aos nossos alunos. Apenas debater filmes, sem exibição, foi uma hipótese cogitada - mas rechaçada - porque consideramos que o debate só se torna rico após a experiência pessoal de contato do estudante com a obra cinematográfica.

TRANSFORMAÇÕES CURRICULARES

No momento em que escrevemos este texto, vivenciamos no curso de Psicologia uma reforma curricular, aprovada no Conselho Departamental do IP/UERJ no segundo semestre de 2023, a qual se originou na necessidade de a UERJ se adequar ao que dispõe a Resolução nº 7 MEC/CNE/CES, que operacionaliza

disposição do Plano Nacional de Educação, acerca da curricularização das atividades de extensão em, no mínimo, 10% da carga horária dos cursos (CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 2018). Outro fator importante da reforma é o aumento da carga horária de estágio de 15% para 20%, previsto nas novas DCNs, válidas desde 2023.

Nesse sentido, vivemos uma realidade de reforma curricular que impunha a necessidade de diminuir a carga horária de disciplinas teóricas para acomodar a inserção/aumento de atividades curriculares de extensão e estágio, sem aumentar o tempo de integralização (o que seria um grande problema, sobretudo, para os estudantes do período noturno). A manutenção de duas disciplinas obrigatórias de HP não se mostrou possível. No entanto, buscamos uma configuração que resguardasse e qualificasse o lugar da HP na grade curricular, por meio das seguintes disciplinas:

Fundamentos Epistemológicos da Psicologia, disciplina obrigatória no 1º período, que não somente abarca os conteúdos de História da Filosofia, como também as reflexões epistemológicas sobre o objeto da Psicologia. (Tabela 4).

Tabela 4

Ementa prevista para a disciplina “Fundamentos Epistemológicos da Psicologia”

Disciplina:	Fundamentos Epistemológicos da Psicologia
Carga Horária:	30h
Ementa:	História da Filosofia ocidental: o problema do conhecimento. O problema alma-corpo. A Ciência Moderna e o paradigma dominante das ciências naturais. Modernidade e colonialidade do pensamento. As Ciências Humanas e seu estatuto epistemológico. A ciência psicológica no século XIX entre os paradigmas explicativo e compreensivo. A dispersão do saber psicológico e as discussões sobre a cientificidade das Psicologias. Regimes de verdade e o paradigma emergente na contemporaneidade. * Compreender os fundamentos epistemológicos dos saberes psicológicos, a fim de avaliar criticamente a pluralidade que caracteriza estes saberes.
Objetivos:	* Conhecer as bases conceituais dos paradigmas científicos das ciências naturais e das ciências humanas, refletindo acerca de seus regimes de verdade. * Identificar a diversidade de concepções acerca da cientificidade das Psicologias. * Avaliar as implicações dos debates epistemológicos no contexto de produção de conhecimento e intervenção profissional em Psicologia na contemporaneidade.

História da Psicologia, disciplina obrigatória no 2º período, tendo seu percurso temporal iniciando na Idade Moderna e concluindo na contemporaneidade (Tabela 5). Em relação às disciplinas anteriores, buscou-se diminuir o enfoque relativo às bases teóricas dos sistemas psicológicos, por se considerar que os principais sistemas serão contemplados em disciplinas específicas de tais abordagens, bem como por entender que essa opção nos aproximaria dos princípios expostos neste texto, a saber,

uma abordagem contextualizada da HP e que valoriza a história local.

Tabela 5

Ementa prevista para a disciplina “História da Psicologia”

Disciplina:	História da Psicologia
Carga Horária:	60h
Ementa:	As transformações da Modernidade e a emergência do individualismo e da subjetividade privada. Emergência e Constituição das Psicologia Científicas nos séculos XIX e XX no Norte global e no Brasil: a diversidade de teorias e objetos. A Psicologia como ciência e profissão e sua difusão social no século XX no Brasil: autonomização, institucionalização, regulamentação, expansão. Crise de relevância da Psicologia: novos objetos, novos campos de atuação. Temas contemporâneos e estado da arte da Psicologia brasileira.
Objetivos:	* Compreender o múltiplo processo de emergência e constituição da Psicologia enquanto uma disciplina científica autônoma, como decorrente tanto das transformações teórico-metodológicas do pensamento nos últimos quatro séculos, quanto de mudanças políticas, econômicas e socioculturais. * Avaliar criticamente o processo histórico de construção da diversidade de objetos e práticas psicológicas. * Analisar as formas de recepção da Psicologia no Brasil, compreendendo as especificidades de sua trajetória histórica enquanto ciência e profissão.

História da Psicologia no Brasil - temas avançados, disciplina eletiva, que visa a aprofundar a discussão de HP no Brasil (Tabela 6).

Tabela 6

Ementa prevista para a disciplina "História da Psicologia no Brasil - temas avançados"

História da Psicologia no Brasil - temas avançados	
Disciplina:	
Carga Horária:	30h
Ementa:	Relações Centro-Periferia, Circulação e Apropriação da Ciência. A trajetória histórica da Psicologia no Brasil nos séculos XIX e XX em diálogo com as transformações políticas, econômicas e socioculturais. História Local da Psicologia no Rio de Janeiro. Histórias temáticas dos campos profissionais e de abordagens clínicas em Psicologia. Historicidade dos objetos da Psicologia: o Indivíduo moderno e seus "outros". Gênero, sexualidade, raça e etnia na História da Psicologia no Brasil. Interface com histórias comparadas na América Latina. Historicização do estado contemporâneo da Psicologia brasileira.
Objetivos:	* Avaliar criticamente as especificidades da trajetória histórica da Psicologia no Brasil e, notadamente, no Rio de Janeiro. * Refletir sobre a construção das narrativas historiográficas como objeto e ferramenta de lutas político-epistêmicas no presente. * Construir problemas de pesquisa historiográfica em Psicologia.

Ainda que compulsória, pois visava à adequação à norma legal, a presente reforma curricular foi encarada por nós como um momento de reflexão e adequação de nossas ementas, à luz de nossas reflexões teórico-práticas acumuladas em nosso trabalho docente (conforme relatado neste texto). Tal adequação ocorreu tanto no sentido da exclusão e inclusão de conteúdos, mas sobretudo de reafirmação e consolidação destas perspectivas teóricas, conceituais e ético-políticas nos objetivos das disciplinas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que a nossa *expertise* no ensino de HP se derivou não somente da prática em lecionar esta disciplina, como numa aprendizagem por repetição, mas fundamentalmente de nossa experiência com pesquisa em HP, bem como em extensão. Esse vínculo entre a pesquisa e a docência é imprescindível, não somente por que isso proporciona acesso à bibliografia atualizada, como também porque nos coloca em contato com fontes primárias e com a produção de narrativas historiográficas.

Dado o caráter básico que essa disciplina possui, não raras vezes, vemos que ela costuma ser uma disciplina que “sobra”, sendo assumidas por docentes nas situações mais diversas (com menos tempo de casa, com mais necessidade de completar carga horária, com vínculo temporário); quando não vemos suas aulas presenciais serem substituídas por materiais EaD. Contra essas formas de precarização da formação, julgamos fundamental sublinhar a relevância do ensino de HP e a necessidade de formação específica em HP para garantir a qualidade de seu ensino.

Diferentemente de outras disciplinas, de caráter mais técnico ou profissional, cuja aplicabilidade prática se mostra mais tangível, algumas pessoas poderiam - e usualmente o fazem - questionar a relevância do estudo de HP para a formação profissional da Psicologia, por suposta falta de concretude de seus ensinamentos. Esperamos ao longo deste texto ter respondido tais questionamentos.

Ao contrário, nossa posição é de que a formação é, por excelência, o principal campo de aplicação da

produção de conhecimento em HP. Estudamos a HP e divulgamos tal conhecimento não por puro diletantismo ou mero interesse intelectual, mas sim para formar profissionais de Psicologia conscientes, críticos e historicamente fundamentados sobre as condições históricas e socioculturais de seu fazer e os desafios epistêmicos, éticos e políticos a ele inerentes.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, M. de. **A escrita da história**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Câmara de Educação Superior. **Resolução CNE/CES nº 5, de 17 de dezembro de 2011**. Define normas para o funcionamento de cursos de graduação na modalidade presencial. Brasília, 2011.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Câmara de Educação Superior. **Resolução nº. 7, de 18 de dezembro de 2018**. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que aprova o Plano Nacional de Educação 2014-2024 e dá outras providências. Brasília, 2018.

DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983

DANZIGER, K. The social origins of Modern Psychology. In A. R. Buss (Ed.), **Psychology in social context**. Nova Iorque: Irvington Publishers. 1979, pp. 25-44

DANZIGER, K. Universalism and indigenization in the history of modern psychology. In: BROCK, Adrian.

Internationalizing the history of psychology. New York: New York Univ. Press, 2006, pp. 208-225.

DUMONT, L. **O individualismo: uma perspectiva antropológica na ideologia moderna.** Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

FERREIRA, A. A. L.; JACÓ-VILELA, A. M., & PORTUGAL, F. P. (Orgs.). **História da psicologia: rumos e percursos.** Rio de Janeiro: Nau, 2006.

FIGUEIREDO, L. C. **A invenção do psicológico: quatro séculos de subjetivação (1500-1900).** São Paulo: Educ/Escuta, 1992.

FREIRE, P. *Pedagogia da esperança.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

GARCIA-ROZA, L. A. **Psicologia: um espaço de dispersão do saber.** *Rádice*, 1(4), 20-26, 1977.

JACÓ-VILELA, A. M. Concepções de pessoa e a emergência do indivíduo moderno. **Interações**, 6(12), 11-40, 2001.

<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=35461202>

JACÓ-VILELA, A. M., DEGANI-CARNEIRO, F., VASCONCELLOS, M. A. G. N. T. & ESPÍRITO SANTO, A. A. História da Psicologia: construindo narrativas por meio da análise de documentos e outras fontes. In.: SOARES, A. B.; JARDIM, M. E. M.; MEDEIROS, C. A. C.; SILVA, M. L. R.; ALVES, P. R. S. S.; & RIBEIRO, R. (Orgs.). **Metodologia qualitativa: técnicas e exemplos de pesquisa.** Curitiba: Appris, 2022.

MANCIBO, D. Modernidade e produção de subjetividades: breve percurso histórico. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 22(1), 100-111, 2002.

<https://doi.org/10.1590/S1414-98932002000100011>

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Livro 1, tomo 2. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

ROSA, A; HUERTAS, J.A. & BLANCO, F. **Metodología para la historia de la psicología**. Madrid: Alianza, 1996.

SCHWARZ, R. (1977). As ideias fora do lugar. In: SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas**. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

SEIXAS, P.; MORTON, T.; COLYER, J.; FORNAZZARI, S. **The big six**: historical thinking concepts. Toronto: Nelson Education, 2013

STENGERS, I. **Quem tem medo da ciência?** ciências e poderes. São Paulo: Siciliano, 1990.

TOCQUEVILLE, A. **A democracia na América**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1977.

YOUNG, S. D. **A Psicologia vai ao cinema**: o impacto psicológico da sétima arte em nossa vida e na sociedade moderna. São Paulo: Cultrix, 2014.

NOTAS SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES

Alcides José Sanches Vergara é graduado em Psicologia pela Universidade Católica de Pelotas. Doutor em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho - Campus Assis. Professor aposentado da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: alcidesvergara55@gmail.com.

Allana Patrícia da Silva é estudante de Psicologia na Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: allana.silva445@academico.ufgd.edu.br.

Ana Maria Jacó Vilela é graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Professora-titular na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Coordenadora do Laboratório de História e Memória Clio-Psyché. E-mail: jaco.ana@gmail.com

Anderson de Brito Rodrigues é graduado em Psicologia pela Universidade Católica de Goiás. Doutor em Educação pela Universidade Federal de Goiás. Professor-associado na Universidade Federal de Goiás. E-mail: andersondebritoarodrigues@ufg.br.

André Elias Morelli Ribeiro é graduado em Psicologia e doutor em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho - Campus Assis. Professor na Universidade Federal Fluminense - Rio das

Ostras. Coordenador do projeto Portal História da Psicologia. E-mail: andre.elias.morelli@gmail.com.

Andrêza Reis da Silva é graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves. E-mail: andrezareisdasilva15@gmail.com.

Arthur Arruda Leal Ferreira é graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutor em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor-titular na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - Nível 2. E-mail: arleal1984@gmail.com.

Brenda Rodrigues Marcelino Alexandre é estudante de Psicologia pela Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: brendarmalexandree@gmail.com.

Bruna Torrecilha Cessel é estudante de Psicologia na Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: bruna.cessel@gmail.com.

Cristina Lhullier é graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Doutora em Ciências - Psicologia pela Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto. Professor-adjunta na Universidade de Caxias do Sul. E-mail: clhullie@ucs.br.

Dener Luiz da Silva é graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor-titular na Universidade Federal de São João del-Rei. E-mail: densilva@ufsj.edu.br.

Denise de Matos Manoel Souza é graduada em Psicologia pelo Centro Universitário da Grande Dourados. Mestre em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco. Professora do Centro Universitário da Grande Dourados. E-mail: denise.manoel@unigran.br.

Diego Duarte Ribeiro é estudante de Psicologia pela Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: diego.ribeiro042@academico.ufgd.edu.br.

Erika Lourenço é graduada em Psicologia e doutora em Educação: Conhecimento e Inclusão Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora-associada na Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: erikalourenco.mail@gmail.com.

Felipe Maciel dos Santos Souza é graduado em Psicologia pelo Centro Universitário da Grande Dourados. Doutor em Psicologia Experimental: Análise do Comportamento pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professor-associado na Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: felipesouza@ufgd.edu.br.

Fernanda de Cássia Oscar Otaciano é graduada em Psicologia e mestre em Psicologia pela Universidade

Federal de São João del-Rei. Professora no Centro Universitário Presidente Tancredo de Almeida Neves. E-mail: fernanda.oscar2@gmail.com.

Filipe Degani-Carneiro é graduado em Psicologia e doutor em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professor-adjunto na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Coordenador do Laboratório de História e Memória da Psicologia Clio Psyché. E-mail: filipe.degani@gmail.com.

Gabriela Syperreck Ramires é graduada e mestranda em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco. E-mail: gabrielasyperreck@gmail.com.

Guilherme José Pavesi é estudante de Psicologia pela Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: guilherme.jose.p12@gmail.com.

Inês Rosa Bianca Loureiro é graduada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo e em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Doutora em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: inesbiancaloureiro@gmail.com.

Isabella Espíndola Rodrigues é graduada e mestranda em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco. Bolsista Excelência pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Católica Dom

Bosco (PPGPsi-UCDB).
isarodrigues0205@gmail.com.

E-mail:

Juberto Antonio Massud de Souza é graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Doutor em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: xjubertox@hotmail.com.

Letícia Andrade Herrera é graduada e mestranda em Psicologia pela Universidade Católica Dom Bosco. E-mail: leticiaandradeh63@gmail.com.

Letícia José Pedrozo é estudante de Psicologia pela Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: lelepedrozo@gmail.com.

Letícia Martins Righi é graduada em Psicologia pelo Centro Universitário da Grande Dourados. Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: leticia.righi045@academico.ufgd.edu.br.

Luísa Xavier de Brito Silva é graduada em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia - Vitória da Conquista. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: luisabrito14@hotmail.com.

Marcelo Augusto de Oliveira é estudante de Medicina na Universidade Federal dos Vales de

Jequitinhonha e Mucuri. E-mail:
marcelo.augusto@ufvjm.edu.br.

Marcus Vinícius Amaral do Gama Santos é graduado e mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: mvgama@hotmail.com.

Maria do Carmo Guedes é graduada em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Doutora em Ciências Humanas - Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora emérita da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: mcguedes34@gmail.com.

Maria Eduarda Fiorini é estudante de Psicologia na Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: maria.fiorini086@academico.ufgd.edu.br.

Maria Eduarda Gregório dos Santos é estudante de Psicologia na Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail:
maria.santos722@academico.ufgd.edu.br.

Maria Gabrielle Coelho Caldeira é graduada na Licenciatura em Pedagogia e no Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e mestranda em Ciências Humanas pela Universidade dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. E-mail: mariagabriellecoelhocaldeira19@gmail.com.

Marisa Todescan Dias da Silva Baptista é graduada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo. Doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E-mail: marisatdsb@gmail.com.

Nathália Soares de Lima é estudante de Psicologia pela Universidade Federal da Grande Dourados. E-mail: nsoares884@gmail.com.

Paulo Coelho Castelo Branco é graduado em Psicologia pela Universidade de Fortaleza. Doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor da Universidade Federal do Ceará. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - Nível 2. E-mail: pauloccb branco@gmail.com.

Raphael Thomas Pegden é graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre e doutorando em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: rtpegden@gmail.com.

Renato Sampaio Lima é graduado em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense. Doutor em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professor-associado da Universidade Federal Fluminense - Nova Friburgo. E-mail: renatosampaio@id.uff.br.

Roberta Vasconcelos Leite é graduada e doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora-adjunta na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. E-mail: roberta.leite@ufvjm.edu.br.

Rodolfo Luís Leite Batista é graduado em Psicologia pela Universidade Federal de São João del-Rei. Doutor em Educação: Conhecimento e Inclusão Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor-adjunto na Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: rodolfo.rl@ufjf.edu.br

Rodrigo Lopes Miranda é graduado em Psicologia e doutor em Educação: Conhecimento e Inclusão Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor na Universidade Católica Dom Bosco. Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - Nível 2. E-mail: rlmiranda@ucdb.br.

Sérgio Dias Cirino é graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo. Professor-titular na Universidade Federal de Minas Gerais Bolsista de Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) - Nível 2. E-mail: sergiocirino99@yahoo.com.

Walter Aristóteles Oliveira Miez é graduado, mestre e doutorando em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: waltermiez@gmail.com.

William Barbosa Gomes é graduado em Psicologia pela Universidade Católica de Pernambuco. Graduado em Música pela Universidade Federal de Pernambuco. Doutor em Higher Education pela Southern Illinois University. É professor emérito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: wbgomes@gmail.com.

Yuri Elias Gaspar é graduado e doutor em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor-adjunto na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. E-mail: yuri.gaspar@ufvjm.edu.br.

